



Luana Galdino é graduada em Relações Internacionais pela UERJ. Atua como oficial do Programa de Proteção de Vínculos Familiares do Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

EMAIL

luanapaulags@gmail.com

1) Por que você escolheu cursar Relações Internacionais? E por que escolheu a UERJ?

Tive uma colega durante o ensino médio que participava de alguns modelos de simulação das Nações Unidas e me convidou para participar de um deles. Foi ela também quem me falou a respeito do curso de Relações Internacionais e isso me chamou muito a atenção. Comecei a pesquisar a respeito, vi que as matérias que eram abordadas em sua maioria abarcavam História, Geografia, Sociologia e Filosofia, disciplinas com as quais me identificava muito. Ademais, esse perfil multidisciplinar e de senso crítico do internacionalista permite sua adaptação em diversas áreas.

Escolhi a UERJ porque seu vestibular, assim como o Enem, era referência e muito difundido no meu colégio. Sua reputação também era muito grande e o curso de RI, apesar de recente, contava com excelentes professores.

2) Que idade você tinha ao começar a graduação em Relações Internacionais? Teve outras experiências profissionais (prévias ou paralelas à graduação)?

Eu comecei a graduação com 19 anos. Não tive nenhuma experiência profissional prévia à graduação. Iniciei minha carreira profissional durante o terceiro período do curso, como voluntária em uma instituição humanitária. Atuei como voluntária por um ano, surgindo depois a oportunidade de estágio, onde fiquei dois anos. Isso acabou fazendo com que eu deixasse de pegar algumas matérias e postergasse um pouco minha formação. Terminei o curso em 2020 e atuava como assistente de programa na mesma instituição onde iniciei o voluntariado.

3) Como essa escolha se situa em relação às trajetórias profissionais da sua família? Quais as profissões exercidas por seus avós, pais e irmãos? Como sua escolha foi vista?

Eu fui a primeira pessoa da minha família a cursar uma faculdade pública, tendo somente meu irmão tido a oportunidade até então de concluir o ensino superior. Meus avós e minha mãe não concluíram o ensino médio, mas meu pai sim.

Meu avô e meu pai trabalhavam na área de administração e minhas avós eram donas de casa. Minha

mãe também é do lar, mas realiza alguns bicos como trabalhadora doméstica.

Minha mãe sempre fez tudo para apoiar minhas decisões acadêmicas e profissionais e eu sou uma pessoa muito estudiosa, então conseguia bolsas para curso de idioma, de informática, consegui passar no vestibular estudando sozinha. Então minha escolha de estudar RI e a aprovação na universidade foram vistas com muita admiração e emoção pela minha família, principalmente pela minha mãe.

4) Quais conceitos, teses ou ideias você destacaria como marcantes ao longo da graduação? Por quê?

Acredito que as disciplinas relacionadas à teoria das relações internacionais foram muito interessantes porque os professores nos incentivavam a aplicar as teorias aprendidas em análises práticas da política nacional e internacional, ajudando a entender o mundo e suas relações sociais e políticas.

Os conteúdos de direito internacional, direito internacional humanitário, direitos humanos e operações humanitárias foram de suma importância para meu conhecimento técnico na área humanitária.

Todo o conhecimento transmitido permite ao aluno ter um perfil diplomático, empático, com senso crítico e respeito por outras culturas.

5) Pode nos contar sua trajetória profissional após a graduação? Que caminho escolheu e por que escolheu? Qual a relação com a graduação?

Como mencionei, quando terminei a graduação em 2020, eu atuava como assistente de programas humanitários na Cruz Vermelha Brasileira, já tendo um tempo de experiência de três anos na organização. Escolhi continuar na área humanitária porque é a área com a qual me identifico e consegui ver uma evolução profissional grande.

Algum tempo depois fui promovida a coordenadora de Proteção, sendo responsável por gerenciar o programa e os projetos relacionados a ele a nível nacional. Realizei algumas missões humanitárias pelo Brasil, a principal delas no Amapá, na fronteira com a Guiana Francesa, durante o período da pandemia da COVID-19.

Em julho de 2022 consegui uma oportunidade de trabalho em Roraima, na fronteira com a Venezuela. Atuei como oficial de proteção pleno do Alojamento

de Trânsito BV8, parte da Operação Acolhida, resposta à situação humanitária envolvendo o alto fluxo de migração venezuelana ao Brasil. Atuei liderando as estratégias de proteção e garantindo os direitos humanos das pessoas em situação de vulnerabilidade.

Em maio de 2023, iniciei meu trabalho como oficial do Programa de Proteção de Vínculos Familiares do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, atuando nas atividades de prevenção e resposta às separações familiares em contextos humanitários.

Esse trabalho está diretamente ligado às Relações Internacionais uma vez que é possível vivenciar as relações políticas, econômicas e sociais e entender a decisão dos Estados, atuando dentro de uma organização não-governamental. Essa formação multidisciplinar me permitiu ter o conhecimento e o perfil para trabalhar com a temática dos direitos humanos.

6) Houve algum episódio na graduação que você destacaria como marcante para a forma como enxerga e atua no mundo? Por quê?

Durante o desenvolvimento da minha monografia, pude falar sobre o posicionamento brasileiro para o Pacto Global de Migração da ONU em um período específico e isso me ajudou muito a entender a visão do nosso país em relação às migrações. Foi desencadeando uma série de descobertas em uma temática que estava sendo cada vez mais discutida, não só pelos Estados como pela sociedade civil e organizações.

Ali vi que os efeitos das migrações, assim como a forma como elas são tratadas pelos países, precisavam estar em constante análise, dada sua complexidade relacionada a múltiplos aspectos econômicos, sociais e de segurança. E o curso de Relações Internacionais me deu todas as ferramentas para poder analisar e entender isso. Foi marcante não só para meu desenvolvimento profissional, mas pessoal também.

7) E daqui para a frente? Quais seus principais projetos profissionais?

Eu quero continuar me especializando na área de proteção, acredito que ainda há muito a ser aprendido tecnicamente e quero poder continuar gerando impacto social também. Terminei recentemente minha pós-graduação em gestão de projetos e quero poder iniciar meu mestrado acadêmico. Além disso, daqui a alguns

anos, quero poder atuar em algum organismo internacional no exterior, de preferência na área de migrações.

Entrevista concedida em 08 de junho de 2023.